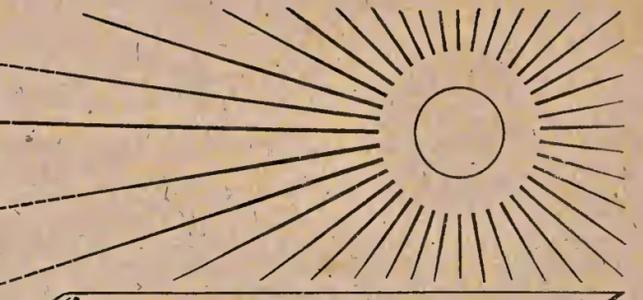


# dealbar



Diretor: PEDRO CATALLO

Redação e Administração  
Rua Rubino de Oliveira, 85  
Correspondência: Caixa Postal 5739  
São Paulo

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

ANO II NÚMERO 13

SÃO PAULO, MARÇO DE 1968

PREÇO NCr\$ 0,20

## A SOLIDARIEDADE NA ASSISTÊNCIA SOCIAL

As diversas instituições preocupadas no bem estar do homem comprovam a grandeza do espírito humano...

Isso que, em largos traços, ficou examinado com referência aos setores básicos da produção — agricultura e indústria — aplica-se a todos os ramos de atividade da sociedade brasileira, como, por exemplo, ao campo da assistência em todas as suas modalidades, que, buscando-se a sua origem, aqui teve início nos albos da nossa vida coletiva.

Desde então, passou a fazer parte integrante da maioria das cidades com populações de certa importância numérica essa tradicional instituição de assistência que é a Santa Casa de Misericórdia, criada e mantida pela iniciativa particular, para prestar serviços gratuitos e necessitados.

Mantidas por meio de contribuições voluntárias — ocasionais ou permanentes — há muitas dessas instituições que reúnem hoje valiosos patrimônios, constituídos por doações de propriedades, que também lhe facultam recur-

sos para o custeio de sua obra.

A assistência que proporciona aos doentes é fornecida pela cooperação gratuita de médicos e estudantes doutorandos.

Ainda nesse campo da assistência social o sentimento de solidariedade humana manifesta-se através da atividade de inúmeras organizações surgidas e mantidas por obra da iniciativa particular e destinadas ao amparo de criaturas que, pela sua idade avançada, já não podem trabalhar, figurando entre elas os retiros para artistas e de outras profissões e os abrigos para velhos que não contam com o aconchego da família.

Há também, como obra da iniciativa particular, as organizações assistenciais destinadas a pessoas vítimas de anomalias físicas, figurando entre elas as de cegos, surdos-mudos, hemiplégicos etc., com a finalidade de, não apenas servirem de abrigo, mas

igualmente para o desenvolvimento de sua recuperação física, para poderem valer-se a si próprios, dedicando-se ao trabalho no convívio social.

Existe ainda uma associação, de iniciativa particular, cuja atividade se desenvolve em favor das vítimas de defeitos na face.

Igualmente por iniciativa particular, existem organizações destinadas a amparar crianças vítimas de anomalias físicas ou psíquicas, os filhos de hansenianos e as crianças desamparadas.

Encerram-se essas indicações feitas apenas a título de exemplificação de algumas das inúmeras organizações de iniciativa particular destinadas à prática da assistência social, com a menção de instituições que, com idêntica finalidade, desenvolvem suas atividades no âmbito internacional.

Entre essas organizações, destaca-se a Cruz Vermelha, cuja obra profundamente hu-

mana é geralmente conhecida, desenvolvendo sua ação para, pelo menos, de certo modo, atenuar as consequências horrorosas das guerras desse produto criminoso da sociedade atual.

Com finalidade quase semelhante, existe a Cruz Azul, e, para iniciativas de várias modalidades atuam o Rotary Club e o Lyons Club, com ramificações internacionais.

Também pode ser citada outra organização internacional, esta de feição religiosa, para a prática da assistência — o Exército da Salvação.

A esse registro sumário de atividades organizadas da solidariedade humana, natural em todas as criaturas e que os vícios da sociedade capitalista vigente não chegam a deturpar inteiramente, deve-se acrescentar as manifestações de exuberante fraternalismo por ocasião de catástrofes, quando os povos, rompendo os limites das fronteiras artificiais, colocando-se acima

das distinções de nacionalidades e de raças, de credos e de princípios, ocorrem em favor das vítimas.

Isso foi o que se verificou na oportunidade da horrível catástrofe de Agadir, cidade marroquina inteiramente arrasada por um tremendo terremoto, acompanhado de maremoto e de incêndios. Ao grande choque emocional que provocou, sucedeu um movimento internacional de solidariedade para com as vítimas, às quais chegaram socorros de toda a natureza.

No Brasil, quando a sofrida gente do Nordeste, periodicamente vitimada pelas consequências devastadoras das secas, é atingida pelas calamidades de horribles enchentes, o povo brasileiro sente-se ferido por essa desgraça, movimentando-se no sentido de serem coletados os elementos de toda a espécie, necessários para atenuar os sofrimentos da martirizada população daquela zona. As manifestações de solidariedade então verificadas, verdadeiramente expressivas, servem para mais uma demonstração de que o meio atrofador desta sociedade não chega a anular os sentimentos de apoio-mútuo que animam as criaturas humanas.

Outra expressiva demonstração desse sentimento de so-

lidariedade humana verificou-se, também recentemente, em São Paulo, por ocasião de um grande desastre ferroviário causando numerosas vítimas. Noticiou-se que o Hospital das Clínicas lutava com escassas de plasma sanguíneo para socorrer o grande número de vítimas para lá conduzidos. Lançado um apelo por meio do rádio e da televisão, tal foi o número de ofertantes de sangue que prontamente se apresentaram, que se tornou necessário irradiar outro apelo solicitando que cessasse a apresentação de ofertantes, em virtude da multidão lá reunida já estar perturbando os trabalhos do Hospital.

Para essa oferta voluntária e gratuita de sangue destinada a atender aos necessitados sem recursos, há instituições especiais denominadas Bancos de Sangue, outra expressão do sentimento solidarista.

Muitas outras modalidades de iniciativa poderiam ser mencionadas como demonstração de que os liames de ajuda mútua é aqui praticada livre e espontaneamente, sem a intervenção estatal, servindo de exemplo de como o povo sabe agir para solucionar os problemas da coletividade.

EDGARD LEVENROTH

### CARATER SOCIAL DO PROBLEMA DO MENOR ABANDONADO

POBRE CRIATURA HUMANA ABANDONADA, MESMO ANTES DE NASCER...

A colaboração de Costa «O menor abandonado», (nº 8 de «Dealbar») desperta-nos considerações que submetemos aos leitores e ao autor.

O tamanho desse menor deve ser medido em toda a sua extensão. Na vida intra-uterina, sofredor das carências da geratriz. Que incalculável número de gestantes neste Continente acometidas de anemia, verminoses graves, sífilis, tuberculose a transfundirem ao feto seu pobre sangue.

Teríamos, assim, um primeiro tipo de menor abandonado ou, enfaticamente, gestacional.

Quando do nascimento, um múltiplo número de agressões atentando contra sua fragilidade e sofrendo sérios danos por despreteção e abandono de muitos.

O parto da curiosa e seus graves riscos, logo de início. Socialmente essa solidariedade deve ser levada em conta, não obstante os tremedões agravos. As paralisias cerebrais do parto demorado, comprometendo a oxigenação cerebral e ocasionando débeis mentais; o tétano umbilical (mal de sete dias) onde a falta de noção da desinfecção (tesouras não fervidas no corte do cordão, colocação de borra de café, teia de aranha e outras abusões) fazem proliferar o bacilo tético que ceifa estupidamente, vidas no nascedouro. Também nos berçários, mesmo os mais organizados, a terrível ameaça das estafilococias gangrenosas, além de outros contágios. Surge, então, um outro tipo de menor abandonado, post-natal.

Cotejem-se as estatísticas de mortalidade neo-natal que evidenciam o alto índice desse abandono e descaço e lembremo-nos de Malraux em sua frase de que a morte dá um destino a vida — e até quando?

Prossigamos com o menor que teve o parto normal e vai sofrer uma série de agressões, ainda por despreteção e indiferença.

Embora existam Postos de Puericultura mantidos pelo Estado, cumplice revel, a desnuição vai se instalando irreversivelmente em face das carências oriundas do banditismo do regime dominante.

O despreparo do meio circundante à criança faz a mãe menosprezar seu próprio leite, recorrendo ao leite industrializado que, através de solerte e certa propaganda, vai desmaternizando-a. Nessa fase surge o complemento alimentar e calcule-se o custo de uma sopinha com legumes, 200 grs. de carne, gema de ovo, batata, cenoura, creme de arroz, tempêro e feitura. As desencantadas mães disfarçam esse sofrimento sub-alimentação, entroxando-lhes farinhas.

Abandono protético, digamos. Seguem-se os agravos da habitação, insolação, humidade, promiscuidade contagiante... Associemo-los com a desnuição, quando então teremos a presença da terrível pneumonia, eliminando centenas de vida infantil.

Abandono habitacional, ou melhor, favelar. E a ronda dos germes, provocando variações infeções. A tuberculose, onde o B. C. G. se mostra impotente, mormente em nosso meio, que é dado por via oral. E a peste branca vai grassando em face da desnuição e falha resistência.

A vacinação contra a poliomielite tem tido grande impulso, contrastando com outras vacinações, que deveriam ter a mesma ou maior atenção. No caso do sarampo, passem com o preço de uma dose, (16 cruzeiros novos). Vacinação para privilegiados.

A ciência médica em poder dos detentores dos meios passa a servir aqueles que podem pagar. Crime infantil no caso dessa vacina do sarampo, sabendo-se as graves

complicações que acarreta essa virose nas crianças do nosso continente.

(continua na última página)

### EM TÔRNO DE UMA REPORTAGEM

Câmaras indiscretas revelaram as grandezas de uns e a penúria de outros...

Um dos canais de televisão de São Paulo, singularizou-se pelas pitorescas incursões dominicais que faz, devassando ricas moradias de figuras representativas da Sociedade Paulista. A televisão «invade» respeitosamente o interior dessas faustosas residências, para mostrar às pessoas da capital e do interior — e aos pobres também — a riqueza e o deslumbramento que vai dentro desses palácios encantados. Essas singulares incursões domingueiras são uma verdadeira festa para os olhos que, sofregamente, se espriam sequiosos de saberem como vive a gente abastada. Na seqüência das tomadas dos «cameramen», desfilam quadros de renomados artistas; esculturas de hábeis cinzeladores; cousas executadas com os mais refinados caprichos artísticos; decorações feitas por mãos prodigiosas; objetos raríssimos vindos dos mais longínquos lugares do mundo; móveis de contornos primorosos feitos pelas mãos miraculosas de anônimos operários; cachorrinhos exóticos com documentação que atestam o seu alto nível aristocrático e piscinas maravilhosas onde encantadoras sereias despreendem a luxuriante beleza que a natureza lhes deu.

Tudo isso e muito mais que seria longo mencionar, transcende do interior daqueles fantásticos palácios que a TV visita cada domingo de tarde, testemunhando o elevado grau de beleza, de requinte e conforto, que a mente humana soube conquistar. São moradias de artistas, Embaixadores, políticos, industriais e outras categorias de ilustres famílias que compõem a alta camada da nossa Sociedade Cristã.

Precisamente, alguns dias antes das estrondosas festividades da comemoração do 414º Aniversário da Fundação da portentosa «Cidade de São Paulo», o mesmo canal de televisão que nos havia dado a conhecer o nível de conforto em que a criatura humana deveria morar, «derrapou» e foi esbater de encontro a outra «cidade» que vive encrustada no próprio seio da orgulhosa Capital Aniversariante. As primeiras tomadas «panorâmicas» que as câmaras puzeram ao alcance dos nossos olhos, deixaram-nos emudecidos. Todo o deslumbramento, a beleza e a fascinação que as reportagens anteriores haviam fixado em nossas retinas, foram abruptamente arrancadas pela fugitiva realidade que se oferecia ao nosso estarecido olhar. É que os aparelhos de televisão deram de focalizar a famosa «favela do Vergueiro» e a visão não podia ser mais acabrunhante. Parecia que um cataclismo havia-se abatido ali e transformado tudo num monturo. Um amontoado de tábuas velhas, de latas ferrujadas, de paus quebrados, papéis apodrecidos, pedaços de tapetes velhos, de panos rasgados e de lonas destrocadas, tudo isso junto, pregado um no outro, amarrado com arame, corda velha ou barbantes, plantado ou encostado no chão e em meio a um lamaçal próprio de chiqueiros de porcos, serve de moradia para aproximadamente doze mil pessoas. Quando o favelado entrevistado disse que ali vivem «mais ou menos doze mil pessoas», o gosto amargo da ingratidão humana subiu-nos à garganta. A violência desse contraste é capaz de ferir as mais insensíveis almas; somente a incú-

ria proverbial de governantes e políticos agüenta impactos semelhantes.

É inconcebível que o São Paulo de 414 anos de existência, que a ciclópica entropia onde os edifícios brotam surpreendentemente do dia para a noite como fantasmas espavoridos, guarde em seu regaço, quase sigilosamente, como estigma de um mundo cruel e dispar, a Cidade da Miséria: a famigerada favela do Vergueiro. O que mais condõe e punge nesse horrendo «panorama», é o número exagerado de crianças ali existentes, maltrapilhas, jama-centas e desnutridas, que enchem as ruelas da favela e cujas perspectivas são uma dolorosa interrogação. Foi ali, nesse pântano social, que a mãe de Che Guevara se fundamentou, quando da sua visita, para dizer que o regime de Fidel Castro era melhor que esta democracia; e os nossos representantes não puderam negar esse vergonhoso flagrante.

Os argutos e experimentados repórteres que faziam a cobertura dessa reportagem que focalizou o «gueto» plantado num bairro da «Cidade dos arranhaceus», não tentaram sequer entrar em nenhum daqueles barracos para devassar-lhe o interior. Estavam cientes, com certeza, que não encontrariam nem colchões velhos no chão daqueles pardieiros. Ali não havia obras de artes, nem decorações e nem nada que fosse agradável para os olhos. Ali mora a tristeza, a derrota, a imundícia, o abandono e em tudo pontifica a fome. Parecia um mundo estranho concebido por uma mente doentia, ou talvez, um pedaço do «Inferno» de Dante Alighieri feito realidade. Qualquer estábulo onde se criam porcos tem melhores condições que as que imperam na arrepiante «favela do Vergueiro», onde doze mil almas, filhos do Deus Cristo, serpeiam num monte de ruínas ali acumuladas pelas inflexíveis leis dos poderosos.

E, por estranha ironia, nos mesmos dias em que essa acachapante reportagem fazia saber aos indiferentes patriotas paulistanos, da existência de um sub-mundo onde um amontoado de seres humanos vejetam e se reproduzem como bichos, o Prefeito da Capital Festiva destinava 150 milhões de cruzeiros para que o carnaval deste ano tivesse ressonância ímpar, e assim abafar as lamúrias dos pobres «barnabês» que receberam «carnaval escamante» 20% de aumento de salários. A dar crédito aos jornais, somente a vestimenta do Rei Momo fornecida pela Prefeitura, supera os três milhões de cruzeiros. Milhões para serem queimados na orgia estravazante dos recalques e nos delírios extremados de móbidos desajustes. Melhor seria se o dinâmico Prefeito tivesse destinado aqueles punhados de milhões para a construção de um Ponto Socorro e de uma pequena escola para aqueles desventurados brasileiros que nascem naquele reduto marginal. Um Pronto Socorro que, ao menos, distribuisse pilulas anti-concepcionais, muitas dessas pilulas, para evitar a fabricação em série de filhos sem destinos, de crianças famintas, de homens problemas e o crescimento de tétricas favelas... ao menos isso...

P. Drinho

# Eu creio na Vida

E vou viver a vida, como um vício e como um prêmio vou viver a vida

Eu creio na vida. E por acreditar na vida, acredito em algo fundamental: o diálogo. O diálogo pode estabelecer uma ponte. E sobre a ponte poderemos andar e dizer. E a ponte de nossa preposição pode ser a praça do encontro. E os que vieram de todas as direções podem erguer-se para uma direção orgânica total. E os que vieram para relembra o passado, poderão avançar para o futuro. E os que construíram isolados a sua casa, poderão erguer uma cidade inteira.

Eu creio na vida. Na multiplicidade, na infinita potência. Por isso não creio em restrições. Não creio nas viseiras. Não creio em tratados. Não creio em limites.

Creio na vida amargamente posta sobre mesa, para a consumirmos sem hesitar.

Creio estar inserido num contexto e nada deverá tornar-se alheio: nem as pregações políticas (o mal maior em todos os tempos); nem a passividade pastoril da grande maioria.

Eu creio na vida. E por crer na vida, creio na renovação. A vida é camaleônica. Não se detém. Avança, avança, como o sangue avança, avança como uma roda que avança, sem parar, móvel, multiplicando, florindo, frutificando, semeando e novamente crescendo, cíclica, para a frente, com o homem na dianteira impondo um pendão pleno de esperanças, a esperança, companheiros, a esperança como o sangue maior de meus dias, a esperança como a seiva do fruto, a esperança ativa.

Eu creio na vida. Eu me creio inserido na vida. E a vida é esta geografia-pátria da grande pátria, a geografia humana multiplicada e infinitamente diferente. A vida é aceitação da luta, o peito aberto diante da injustiça, o coração aberto para a inundação fraterna, o uso pleno e consciente de minha liberdade (tão aviltada).

Eu creio na minha geração.

Eu creio no que as outras gerações nos legaram sem máscaras. Eu sei do saldo negativo na balança cultural de nossa herança, e sinto desprezo e náusea, mas creio na batalha para o equilíbrio da balança. Eu creio não no vazio das grandes e pomposas palavras ócas, mas na necessidade absoluta e terrível da salvação de cada um de nós, dos que nos pertencem por pertencerem à mesma terra e ao mesmo tempo presente e futuro.

Eu estou inserido no Brasil.

Quem fez do Brasil o que o Brasil se tornou? A cúpula. E somente a cúpula. E eu acuso-a. E eu aponto-o com o dedo, não como uma andorinha isolada, porém como a voz de um coro, de um canto de juventude que não chora sobre as ruínas, mas que canta uníssona a grande cantiga das coisas por vir, amalgamado aos que agem e constroem e fundam e plantam e não recuam diante do difícil nem diante dos muros por derrubar.

Eu creio na vida. Na explosão irrefreável da vida. Na dura e inabalável certeza da existência. Na gigante tarefa que nos cabe por herança e por tomada de consciência.

E eu convoco-os para me ouvirem para que eu possa ouvi-los e juntos possamos

ouvir a vida. Eu convivo-os para abandonarem os óculos escuros, a impotência da falsa civilização, o comungar com a mentira, a impostura, a demagogia, a angústia simplesmente pela angústia, e digam uníssonos, geração que se levanta e acredita em si

para acreditar nos outros: eu creio na vida, eu creio na vida, eu creio na vida e vou viver a vida, como um vício e como um prêmio vou viver a vida.

Lindolf Bell  
(Antologia Poética)

## EM TORNO À CATEQUESE

Geminal de Amor

A juventude contra a moral; a juventude sem educação; a juventude, rebeldes sem causa; isso tudo, é claro, na boca dos sensatos, dos que tudo fazem para manter o Statu Quo de normas pré-estabelecidas para salvaguardar os interesses bastardos; isso tudo, é claro, na boca dos hipócritas por conveniência, porque tão somente eles poderiam esperar causa maior que a que a juventude propõe antepondo o verdadeiro Amor e a Fraternidade verdadeira para todos, sem exceção qualquer, é esse amor de crocodilos sem lágrimas e à essa fraternidade com reflexos de bíblica queixada, que de mãos dadas, perambulam por toda parte.

Por sermos jovens, por nos sentirmos irmanados à essa «maldita» juventude no que ela requer de sublimação, e como tal, nas coisas, resta-nos o fraternal abraço aos jovens que compõe a «Catequese Poética», por tudo de bom que nos trouxeram, — 10/02/68 — Centro de Cultura Social, Laboratório de Ensaio —, e de igual forma, deixá-los dizer Amor e Poesia:

— / / / —

Gigantescas galerias se avizinham de aberto e espantoso mortuário: somos peixes de luminosidade dúbia, ilhas fora do aquário.

Tudo que vive me chama. E eu vou!

Edson R. Santana.

— / / / —

No bosque das rompidas vértebras caminham sombras de mãos dadas (ainda).

Persiste a noite as luzes as pedras os pássaros.

Persiste a busca

Manuel J. Reis

— / / / —

Escondidas nas faces a lenda é a mesma. As bocas continuam no mesmo diapasão.

VIII

Reconheço ao longo das ruas a linguagem do remorso. Ainda ontem, agarrei tua imagem porque eras tudo.

Iosito Aguiar

— / / / —

(Não se sabe ao certo)  
(Aliás, não se sabe nada ao certo)  
(Ou mais aliás ainda, não está nada certo)  
Nem há nada perto, e há que se andar muito para alcançar qualquer ilha. no acidente entre o ocidente e o oriente.  
— Mas não quem nos oriente nesse mapa emocional.

Luiz Carlos Mattos

— / / / —

Somos ou não somos homens gastos? Vale a pena desintoxicar estes ares e multiplicar-nos aqui dentro e nas ruas, as imensas ruas como imensos museus de convenções e nos campos, os imensos campos cheirando a pólvora e podre e nas torres de nossos maiores blindados contra as leis e a vontade mais limpa de querer?

Quanto pepel nas gavetas de peroba  
Quanto papel calando corações,  
corações também de papel, homens também de papel, soluções também de papel

Lindolf Bell

## Contribuições

Pôrto Alegre Krieger, NCr\$ 10,00; América do Norte H. A. Davis, Dolares 2; Agostinho NCr\$ 10,00; Castor Pascoal, NCr\$ 5,00; Virgílio Da «Oca», NCr\$ 1,00; Orlando, NCr\$ 1,00; Sanchez, NCr\$ 0,50; Trubillano, NCr\$ 20,00; El Passo, NCr\$ 5,00; Cecilio, NCr\$ 5,00; Varia Valverde, NCr\$ 4,00; Mara Valverde, NCr\$ 1,00; J. Valverde, NCr\$ 1,00; J. N. Gabarron, NCr\$ 2,00; Navarro, NCr\$ 1,00.

Relação fechada no dia 22/2/68

## NA BOLÍVIA MORRE «CHE» GUEVARA

Povos latino-americanos não se deixam levar pelo espelhismo da «revolução comunista»

Se bem que o comunismo ditatorial não desperte em nós a mais mínima simpatia, a morte do «Che» na luta guerrilheira que o castrocomunismo vem desencadeando na Bolívia, merece todo o nosso respeito como homem que perdeu a vida na luta direta por uma causa, pois, independentemente dos interesses da sua política que o comunismo internacional e o castrismo jogam nas guerrilhas que realizam em quase toda a América Latina, há homens que ainda acreditam na redenção do proletariado por meio da barbária ditatorial. E esses homens são capazes de oferecer sua vida em holocausto dessa crença.

A morte do «Che» Guevara na Bolívia é uma fonte de lições.

A primeira, consiste em demonstrar que as revoluções não se importam, como cre o castrocomunismo. O fracasso das guerrilhas na Venezuela já o havia demonstrado. Neste país o castrismo pôs «toda a carne na assadeira», mas todo o esforço desenvolvido na luta, com a sequência de sacrifícios e os enormes dispêndios que vem custando manter a já debilitada guerrilha venezuelana, virtualmente só serviram para fortalecer o regime democrático e burguês de Raul Leoni. Mas o que aconteceu na Bolívia é quase definitivo.

A Bolívia é um dos países da América de maior riqueza natural. Pelo contrário, sua população goza um dos mais baixos níveis de vida do continente. Com superfície de 1.098.581 Km<sup>2</sup>, possui a população de 3.702.000 habitantes. Apesar de sua potencial riqueza natural, a Bolívia é um país quase monoprodutor de minérios, destacando-se o estanho, que produziram os conhecidos potentados familiares como Patinho, Aramayo e Hirschfeld. A exploração mineira, levada a extremos iníquos, em diversas ocasiões criou verdadeiras situações revolucionárias, como o levante de 9 de abril de 1952. Depois, mesmo recentemente, os mineiros promoveram lutas reivindicatórias que obrigaram as autoridades a sufocá-las com o exército. Por sua vez, o conservadorismo desses governos democráticos, impede que sejam populares, como o caso de Barrientos, atual chefe do governo boliviano, que não conta com a simpatia de seus governados. Todos esses fatores parecem convergir para uma possibilidade: uma revolução.

E foi isso que procurou o castrocomunismo. Depois do fracasso da tentativa de provocar uma revolução na Venezuela e em prosseguimento do plano de criar problemas em várias frentes ao imperialismo norte-americano, (Guevara havia afirmado que era necessário criar muitos Vietnâmes), o castrismo provocou o levante, em março de 67, da Frente Guerrilheira da Bolívia, com o concurso de fortes valores pessoais do comunismo internacional, entre eles o «Che» Guevara, ao qual a propaganda já apelidava de segundo Bolívar, e «libertador do século XX»... Mas o povo boliviano não se levantou ao toque das guerrilhas, não tendo a aventura encontrado eco nas multidões exploradas daquele país, e parece que tudo terminou com a morte de Guevara, entrando definitivamente a Frente Guerrilheira da Bolívia, que com tanto alarde foi recebida pelos castrocomunistas do continente.

A primeira importante lição que nos dá a morte de «Che» é que os povos latino-americanos não se deixam levar pelo espelhismo da «revolução comunista». Até mesmo a revolução cubana não teria sido dominada por Fidel se ele se tivesse declarado comunista antes de seu domínio.

Outra grande lição que nos proporciona a morte de Guevara é que o perigo que o comunismo significa para o futuro da América não assenta precisamente nas guerrilhas, mas na «opusdeística»

infiltração que este realiza nos meios estudantis, intelectuais e burocráticos, com os quais se acha realmente o futuro social, sabido é que o movimento operário foi de tal

modo castrado que não representa perigo de espécie alguma para o capitalismo explorador e tirano.

Por B. Cano Ruiz

## Vamos criar um Planeta morto, coberto de cadáveres?

Através das ações deliberadas dos governos das grandes potências, tanto orientais como ocidentais torna-se cada dia menos provável que ainda haja homens e mulheres vivos no mundo nos fins do presente século. Desde o momento em que esse perigo se tornou evidente, os governos têm feito tudo o que lhes é possível para o aumentar. Há quinze anos, a bomba atômica escandalizou o mundo. Hoje já se lhe chama uma «arma tática» e é considerada uma simples brincadeira. Seguiu-se-lhe a bomba de hidrogênio. Toda a gente argumentou que se devia evitar que a sua posse fosse estendida àquelas potências que ainda a não possuíam, uma vez que essa difusão iria contribuir para aumentar o perigo de uma guerra nuclear. Mas desde que se disseram tais coisas a bomba tem-se espalhado, e continua a espalhar-se.

Ainda que os perigos de que uma guerra deflagre por acidente sejam bem conhecidos, nada, absolutamente nada, se fez para os minimizar. Ainda que as atuais diretrizes políticas, prosseguirem, tornem o fim da vida humana iminente e quase certo, nem uma pessoa entre mil está ativamente comprometida desse importantíssimo fato. Os especialistas que trabalham junto dos governos sabem-no, mas, por razões pessoais, vão mentindo aos governos que os empregam, e estes têm o cuidado de evitar descobrir que aquilo que lhes contam são mentiras. Por razões de poder pessoal, de prestígio, ou simplesmente de dinheiro, pessoas importantes, na sua maioria idosas, envidam todos os esforços para manter na ignorância as populações que lhes estão sujeitas.

E nós vamos ficar sentados e morrer calados?

Alguns de nós pensam que tal atitude seria errônea. Mas que havemos de fazer quando a maioria dos órgãos de publicidade nos são hostis? A única maneira de que dispomos para tornar conhecidos os fatos reais é encontrar uma forma de protestar de que até a imprensa hostil tenha de tomar conhecimento.

Durante algum tempo, as marchas de Aldermaston serviram esse fim, mas estas já começam a deixar de constituir motivo de novidade; e chegou a altura, ou está quase a chegar, em que só uma campanha de desobediência civil em larga escala, que deve ser sempre de natureza não violenta, pode salvar as populações da morte universal que os seus vários governos lhes andam a preparar.

Não se pode duvidar nem um momento de que, se os fatos reais fossem conhecidos da generalidade do público, tanto no Ocidente como no Oriente, as vítimas que os governos assim destinam a perecer começariam a protestar com tal veemência que tornariam inevitável uma reversão completa e total da presente orientação política. Aquêles que conhecem o perigo não podem tornar facilmente conhecidos da generalidade os fatos, mas podem, se quiserem, agir de tal maneira que obriguem os seus protestos a ser conhecidos. Conforme esses protestos se forem tornando cada vez mais conhecidos e mais numerosos, talvez possam vir a persuadir os batalhões condenados e ignorantes de homens, mulheres e crianças que hoje vão marchando cegamente para a guerra a fazer meia volta e a começar antes a marchar para a vida — uma vida mais cheia que qualquer outra que mortais jamais tenham conhecido, porque será uma vida já não dominada pelos ódios e pelos medos.

Muitas pessoas, que usam a cegueira e o olvido como o fim exclusivo de preservar o conforto próprio, dizem: «Ah!, mas não se devia desobedecer à lei, pelo menos num país democrático como o nosso! Só se deveriam utilizar as formas de persuasão que os detentores do Poder tornam imensamente difíceis e até quase impossíveis de utilizar. E se estas forem insuficientes, então deve-se consentir que as vítimas marchem alegremente para a sua morte.» Tal ponto de vista não é daqueles que uma pessoa que seja na realidade profundamente humana, e se tenha convencido dos perigos que nos cercam, possa adotar com honestidade.

É verdade que a lei é importante e não se lhe deve desobedecer de ânimo leve, uma vez que, sem respeito por ela, não é possível manter uma comunidade tolerável. Mas, e isso é a verdade de todas as épocas da história, os homens que pensam ou sentem com mais profundidade que a maioria dos seus concidadãos têm-se encontrado, frequentemente, em conflito com uma ou mais das crenças prevalentes nas sociedades em que vivem. E muitos destes, que têm sido forçados pelas circunstâncias a um tal conflito, vieram a ser considerados pelas idades vindouras como os seus maiores expoentes em sabedoria e sentimentos humanos.

Todas as idades admitem essa verdade quando se refere ao passado.

Todas as idades o negam quando se refere ao presente.

Nenhuma idade anterior da história humana teve maior necessidade que a nossa de homens capazes de proclamar bem alto como a vida devia ser vivida, por mais estridentes que sejam os uivos dos detentores do Poder a clamar morte. Nunca antes esteve ameaçada de morte a humanidade inteira. Nunca antes tinha o conhecimento humano tornado possíveis diretrizes políticas tão assassinas.

Se se têm nalguma conta os nossos amigos, os nossos filhos ou as esplêndidas realizações de que indivíduos e nações se têm mostrado capazes, é nosso dever — ou, melhor, é nosso privilégio — protestar por todos os meios ao nosso alcance que ofereçam um mínimo de probabilidades de ter alguma eficácia. É muito provável que soframos ao fazê-lo. Mas mesmo no sofrimento ser-nos-á possível conservar uma profunda felicidade, uma felicidade inteiramente desconhecida dos prósperos engenheiros da catástrofe.

(Bertrand Russell — do livro «Realidade e Ficção»)

### DEALBAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Livro B n. 3 sob n. 2.097

EXPEDIENTE

Redação e administração:

RUA RUBINO DE OLIVEIRA, 85

Correspondência:

C. POSTAL, 5739 — S. PAULO

Diretor responsável:

PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo — Rua Garibaldi, 1093 — P. Alegre, (RGS) Os artigos são de responsabilidade de seus autores.

# A terceira revolução russa virá, e se fará nas esferas espirituais...

Um verão em Moscou

Em abril próximo passado a imprensa divulgou a notícia de nova condenação imposta na Iugoslávia ao escritor e ex-professor de literatura russa na Faculdade de Letras de Zadar: Micailo Micaïlov. Desta vez foi sentenciado a quatro e meio anos de prisão sem tempo de gozar alguns dias de liberdade ao completar a condenação anterior. Seu delito consiste em ter publicado artigos que o ditador Tito considerou «caluniosos para a revolução de outubro» e infamantes para o seu regime. Trata-se de uma reportagem literária publicada na revista «Delo» de Belgrado ao regressar Micaïlov de uma viagem à URSS em 1964. A primeira parte, com o título de «Um verão em Moscou» foi publicada em janeiro e a segunda em princípios de fevereiro de 1965. A segunda e última parte produziu forte reação, tendo o próprio Tito chamado os fiscais de censura, em 11 de fevereiro, e lhes disse: «Estão vendo o que sucedeu com essa reportagem de «Delo». Deveria ter sido proibida imediatamente... Deveriam ter processado o autor sem perda de tempo e ter dado a público a notícia. É necessário que todos saibam que está processado, que é um reacionário». Em 10 de março foi detido; em 15 de abril foi posto em liberdade vigiada; em 29 do mesmo mês foi iniciado o processo «por ultraje a um país estrangeiro e difusão de impressos proibidos», sendo condenado a 10 meses de prisão. O jovem escritor havia ousado mostrar que o primeiro campo de concentração soviético data de tempos de Lenine e que Stalin antecipou a Hitler em matéria de genocídio, quando ordenou o extermínio dos habitantes zonas limítrofes da Turquia e do Irão. O Conselho da Fa-

culdade de Letras de Zadar declarou seu repúdio à atitude de Micaïlov e demitiu-o de suas funções.

Em carta aberta, datada de 1º de março de 1965 e dirigida a Risto Tosovitch, redator-chefe do semanário iugoslavo «MIN», que num artigo do dia antes o ultrajara com repetidas alusões aos «guardas brancos russos», Micaïlov escreveu: «Estou disposto a qualquer momento, se o senhor me conceder espaço em seu periódico, a justificar tôdas as minhas atitudes e afirmações e a comprová-las com documentos...» Por certo, o repto de Micaïlov não foi aceito. Logo iria ser, como Milovan Djilas, um prisioneiro do regime, depois de ter comprovado seu valor intelectual em numerosos ensaios e artigos publicados em periódicos e revistas de seu país (cita na mencionada carta: «Telegram», «Viesnik», «Nache Tema», «Dan», «Kolo», «Kritika», «Formun», «Letopis Matices Srpske», «Delo» e «Razlog»), em conferências e programas de rádio realizados principalmente em Zagrebe e em Belgrado.

O nome de Micaïlov ganhou atualmente com a recente sentença proferida pelos juizes da Iugoslávia «socialista». Julgamos interessante oferecer aos leitores alguns fragmentos do «corpo de delito» (parte da reportagem incriminada e da parte que não foi publicada) extraídos, bem como as notas sobre o autor, da revista «Este e Oeste», edição de 15 de setembro de 1965, de Paris.

Nas observações do valioso intelectual iugoslavo, podem observar-se alguns aspectos da realidade do regime totalitário que este ano descerá todo o seu aparato publicitário pela comemoração do cinquentário da revolução de outubro.

## Os campos de concentração na literatura

A literatura russa só agora começa a adotar como tema os campos de concentração. Faz um ano Kruchev declarou que as redações das revistas literárias haviam recebido umas 10.000 novelas, relatórios e memórias referentes aos campos de concentração, o que não é excessivo levando em conta que nos últimos três decênios foram

deportados regularmente de oito a doze milhões de homens. Se bem que dessas numerosas obras só tenha sido publicada pequena parte («Neste assunto é preciso ser muito prudente», advertiu Kruchev) todavia as revistas soviéticas começam a parecer os anais dos crimes da Inquisição nos tempos de Felipe II. A maioria dos reabilitados e que foram libertados em 1956 e 57, agora não querem calar, forçando as autoridades soviéticas à seguinte alternativa: ou mandá-los de volta aos campos de concentração — o Kruchev não teria aceito nem podido fazer — ou deixá-los falar livremente. Prevaleceu a última solução e as proibições são cada dia menos fortes. Depois da curta novela de Soljenitsin «Uma jornada de Ivá Denisovitch», o que mais interesse despertou neste ano foram as memórias do general A. Gorbátov, publicadas nos números 3, 4 e 5 de «Novy Mir».

—//—

A divulgação clara da verdade sobre os decênios do criminoso reinado de Stalin e sobre a tragédia do povo russo e outros povos soviéticos, apresenta um problema que procuram continuar silenciando: o daqueles homens que lutaram ativamente contra o stalinismo muito antes de 1956 e que disseram a verdade sobre a situação da União Soviética. Esses homens continuam sendo considerados «criminosos e traidores», apesar de que tudo quanto escreveram no passado sobre o que se passava na URSS poderia ser publicado ainda hoje como atual. Tal é o caso de Ivá Solonjevic, que em 1937 conseguiu fugir de um campo da Sibéria e refugiou-se no Ocidente, onde publicou um livro muito procurado: «Rússia em um campo de concentração». Este livro apresenta muitas semelhanças com as memórias de Gorbátov e outras obras sobre os campos de concentração soviéticos. Contudo, Solonjevic continua sendo considerado um «traidor do povo operário, vendido aos capitalistas».

Como se vê, na URSS de hoje condena-se o stalinismo ao mesmo tempo que se acusa de inimigos do povo os anti-stalinistas. Mais cedo ou mais tarde terá que ser resolvida esta situação anormal. E como agora as forças anti-stalinistas mantêm vigorosa ofensiva, o problema, como parece, deverá ser posto muito brevemente na ordem do dia.

Falta muito por ser esclarecido e por ora só se começam a fazer as reabilitações. Disse-me um estudante: «Sómente foram reabilitados os seus, mas que foi feito dos milhares de seres honrados que não eram do partido?» Não poucas pessoas com as quais mantive relações se referiram sarcásticamente aos processos de reabilitação. A família recebe um impresso com os dados do condenado, bem como um certificado oficial de reabilitação. E é tudo. Ninguém sabe onde, quando ou como a pessoa reabilitada morreu. Considerando que existem poucas famílias na URSS que não tenham algum parente para reabilitar, compreende-se que o descontentamento seja geral, pois a liquidação do stalinismo é apenas parcial. Não obstante, todos estão convencidos de que essa luta apenas está começando e aguarda-se com otimismo o seu término.

Não deixa de ser sintomático que, de um lado, a imprensa soviética fale cada vez menos do fascismo e seus campos de concentração, e que, por outro lado, evite estabelecer comparações com os campos de concentração da própria URSS.

Isto é fácil de compreender: os primeiros campos de morte não foram feitos pelos alemães, mas pelos soviéticos. Em 1921 abriu-se perto de Arjángelsk o primeiro «campo da morte», Holmogor, unicamente destinado à liquidação física dos detidos, campo que funcionou durante vários anos com êxito completo no extermínio dos aliados

de ontem: os membros dos partidos revolucionários não bolcheviques (socialistas revolucionários, mencheviques e outros). O escritor emigrado Ivá Smeljov, recentemente reabilitado, descreveu em sua célebre novela «O Sol dos Mortos», prefaciada por Tomas Mann, os horrores dos anos 1920 e 1921, quando foram fuzilados na Criméia, sem julgamento prévio, 1.200.000 homens e mulheres. Ainda hoje conta-se que naquela época trabalhava em Odessa uma jovem chamada Vera Grebeniacova, conhecida pelo vulgo de Dora, que martirizou e matou com suas próprias mãos 700 detidos.

Nem mesmo no que se refere ao genocídio, Hitler foi pioneiro.

Nas vésperas da segunda guerra mundial, numerosos povos de regiões limítrofes da Turquia e do Irão foram deportados para a Sibéria setentrional, onde pereceram em massa, por não estarem habituados ao frio.

Ai está a explicação porque, durante a guerra, várias unidades do Exército Vermelho, compostas em maioria de calmuços, tártaros, tcherquesos e outros pequenos povoados, submetidos a brutais represálias, passaram-se para as fileiras dos bandidos hitleristas. Igual fato ocorreu com os cossacos do Don, que formaram o exército anti-soviético do general Vlassof, denominado Exército Russo de Libertação, caso único na história do povo russo. Com efeito, os cossacos foram por mais de 300 anos a mais sólida base do Estado russo e sua melhor garantia contra todos os inimigos. A revista «Iunost» publicou este ano uma novela de Eugênio Piliar, «O Homem Continua sendo Homem», em que se trata do raro caso dos cossacos. Piliar descreve a atitude estoica dos cossacos aprisionados pelo Exército Vermelho e torturados durante os interrogatórios. Diante deste problema, o autor deixa a questão sem resposta: «Sim, sei que são traidores; mas como explicar a traição destes homens, destes simples camponeses russos que iam até à morte com tanto valor?».

Sem dúvida nenhuma, o XX Congresso teve consequências positivas por fazer voar em pedaços o mito sobre o qual se baseou todo o sistema durante três décadas... O XX Congresso assestou um rude golpe ao homo soviético. A jovem geração, principalmente os estudantes, sente profunda e dolorosamente todos os absurdos do estatismo ultracentralizador e não se mostra satisfeita com a lenta cadência da liberalização.

Para o homo soviético é absolutamente inconcebível, absurdo, incrível que alguém possa expor num jornal ou revista uma opinião que não coincida com as teses oficiais. É igualmente inconcebível que reconheça a outrem o direito de decidir por si próprio e em completa liberdade. O homo soviético está persuadido de que jamais existiu em lugar nenhum verdadeira democracia e que é mesmo impossível, considerando que o mundo privado desta «vigilância paternalista» estaria condenado à derrocada...

O elemento mais escandaloso da psicologia do homo soviético é sua justificação espontânea da violência e da mentira... O homo soviético não tem consideração nenhuma pelo passado de nossa humanidade, como se o mundo tivesse nascido ontem. Tudo quanto aconteceu antes de 1917 não tem importância nem oferece algum interesse: a Idade Média, o Renascimento, alguns filósofos... Sua «virgindade» intelectual começa por consternar, depois cansa e termina por tornar-se insuportável.

Na realidade, não existe atualmente sociedade mais conservadora do que a soviética: a menor mudança — quer se trate de novo tipo de gravata, de uma nova canção ou da largura das calças — provoca enormes resistências.

Para o homem soviético médio, o mais penoso para suportar pode ser assim classificado:

1 — A dependência administrativa do camponês ao colchose. O trabalhador rural não pode abandonar o colchose sem licença da direção. Sem esta providência administrativa os colchose ficariam despovoados, pois seu nível de vida é pior que o dos operários industriais mais mal pagos. «É o direito feudal dissimulado», disse-me um estudante.

2 — As enormes diferenças entre os salários. Enquanto que um operário braçal percebe salário mensal de uns 60 rublos (o equivalente a dois pares de sapatos de homem) os especialistas, os funcionários administrativos e os diretores ganham de 500 a 600 rublos (o que dá para adquirir dois televisores cada mês).

3 — As escolas de tipo «fechado». Como consequência da reforma escolar de 1959, que obriga cada estudante a fazer um estágio, após concluir o curso secundário, de dois anos na indústria ou na agricultura, abriram-se as chamadas «escolas fechadas». Soube que existem quatro destas escolas em Moscou e outras nas grandes cidades.

Nestas escolas, a instrução é dada em três idiomas estrangeiros consecutivamente e é de nível muito elevado. De direito, estão abertas a todos os estudantes de ginásio cuja nota supere a média, mas de fato, estão reservadas aos filhos dos que pertencem às classes sociais privilegiadas.

4 — A duração do serviço militar: de 3 a 4 anos. Teme-se uma nova guerra? Devo confessar que, com grande surpresa minha, todos com quem conversei mantêm atitude indiferente, quer com respeito a uma guerra em geral, quer em relação com o conflito chinês em particular. «De qualquer modo, a vida é extremamente aborrecida», disse-me uma jovem em Leninegrado.

—//—

O poder luta sem cessar, mas sem êxito, para aumentar a produtividade do trabalho. Salvo as grandes realizações que regularmente são exibidas aos visitantes estrangeiros, e dos colchose modelos, também para exibição, a qualidade do trabalho é péssima e o rendimento médio. A própria imprensa soviética denuncia-o constantemente e lança apêlos à «consciência dos construtores do comunismo». Daí as permanentes chamadas às «brigadas comunistas do trabalho» e das que lutam para conquistar o título de «brigadas comunistas do trabalho». As flutuações massivas da mão-de-obra forçaram a introdução dos «passaportes do trabalho» — precisamente no momento atual — nos quais se anota cada mudança de lugar de trabalho, com o fim de controlar os operários e evitar a flutuação. Por sorte, já não estão em vigor as antigas medidas draconianas anteriores à segunda guerra mundial, que autorizavam a deportação para campos de concentração os operários que acusavam várias ausências no trabalho. Na verdade, enquanto toda a sistemática da economia soviética não adote os chamados «estímulos materiais», tôdas as formas com que se trata de promover, há meio século, «o impulso trabalhador das massas», não terão sentido nem efeito algum.

Não resta dúvida que se produzirá uma terceira revolução russa, já prevista por Maiaçovski: a revolução nas esferas espirituais... «E todos os combates futuros no interior da URSS, na perspectiva dessa terceira revolução, serão travados não propriamente contra a burocracia, mas contra a tecnocracia; acontecerão não essencialmente no terreno econômico, mas no intelectual e no espiritual.

Por Micaïlo Micaïlov

## DRAMÁTICAS REVELAÇÕES SOBRE OS CAMPOS DE TRABALHO NA RÚSSIA

O GRITO DA ESPÓSA QUE AINDA CRÊ NO REGIMEM SOCIALISTA...

(Carta da esposa de Iuri Daniel, escritor condenado a trabalho forçado)

«Aos dirigentes do Partido e do Governo, aos membros dos corpos jurídicos, ao Colégio dos Advogados de Moscou, à Academia das Ciências Médicas da URSS, à Cruz Vermelha Soviética, à secretaria da Associação de Escritores Soviéticos, à seção de Moscou da Associação de Escritores, à seção de Leninegrado da Associação de Escritores, à presidência da Academia das Ciências da URSS, às redações dos jornais, aos deputados do Soviete Supremo da URSS, aos deputados do Soviete Supremo da República Federativa Russa:

«Dirijo-me ao governo, aos representantes de associações, aos juristas e aos médicos, aos cientistas e aos escritores, clamando contra o comportamento desumano e ilegal dos funcionários do campo de trabalho correcional, caixa postal 385-17, cujo comandante é o camarada Anienov, onde está recluso meu marido, o escritor Iuri Daniel. Peço que se ponha fim às arbitrariedades que poem em perigo a saúde e a vida de meu marido e de outros reclusos e comprometem nosso Governo e nossa legalidade.

«Daniel encontra-se no momento encarcerado na prisão do campo de trabalho, onde deverá permanecer por mais seis meses. O fato que provocou tal tratamento é o que segue: os guardas impediram Daniel de usar uma rede contra os mosquitos e ordenaram-lhe que a entregasse. Este procedimento não é novidade. Já nos anos trinta, durante a célebre «violação da legalidade socialista», os chefes do campo de trabalho forçado usavam como método de tortura mandar os reclusos a lugares infestados de mosquitos.

«Daniel negou-se a cumprir a ordem. Três guardas o seguraram e começaram a retorcer-lhe as mãos. Daniel, naturalmente, opôs resistência. Imobilizaram-no, derrubaram-no e feriram-lhe o rosto, colocaram-lhe algemas e o trancaram na barraca-prisão do campo, forçado ao tratamento de «regime agravado».

«Nessa barraca está proibido de deitar-se desde o amanhecer até à noite; faz frio e é muito húmida mesmo no verão; o alimento é em «ração de castigo». Daniel é fraco de saúde; sofre de inflamação crônica no ouvido, descurada durante a detenção, sem intervenção médica nem medicamento de espécie alguma. O prisioneiro pediu insistentemente assistência médica, sem nenhuma atenção. É preciso acrescentar o grave ferimento de guerra de que ainda padece e o esgotamento físico que representa um ano de desnutrição no campo.

«O castigo infligido a Daniel, por certo, não é um caso excepcional no campo de trabalho, onde há muitos outros detidos políticos. Lá é lícita qualquer arbitrariedade

de do comandante do campo: redução da ração alimentar, diminuição ou suspensão das visitas de seus familiares, proibição de receber e mandar correspondência, fumo, livros, etc. E ainda a cela de rigor, as algemas, a barraca de regime agravado. O comandante do campo pode agir a seu arbitrio, sem nada que o impeça, enquanto os detidos não têm nenhum direito e vivem segregados do resto do mundo. O comandante pode tomar qualquer decisão contra o preso sob o pretexto de mau comportamento, acusando-o muitas vezes de não ter conseguido sua cota de produção. Em tal situação, a vida e a saúde dos presos estão à mercê do comandante, um instrutor qualquer ou um guarda bom ou mau. Não lhe assiste nenhum direito humano.

«Em 1967, quinquagésimo ano do poder soviético, maltratam-se os condenados com métodos que o código soviético da década de vinte qualificava de tortura.

«Tudo quanto expôno deve, a meu ver, suscitar sérias preocupações e levar a que se reclame para a legalidade socialista seja estabelecida nos lugares de reclusão. E o respeito da legalidade só pode ser garantida de uma maneira: submetendo à razão pública os regulamentos que presidem os lugares de detenção e fixando normas claras e obrigatórias sobre as rações alimentares. Estes regulamentos devem ser dados ao conhecimento de todos, tanto nos campos como fora, e deve ser garantido ao preso o direito de denunciar as violações dos regulamentos e as arbitrariedades não apenas ao comandante do campo.

«Em meu caso particular, peço uma investigação pública sobre o denunciado, e peço a imediata libertação de meu marido da detenção ilegal na barraca de «regime agravado». É necessário, também, um inquérito sob fiscalização pública, acerca da prisão do estudante universitário L. Rendel, castigado simplesmente por ter pedido permissão para dirigir-se aos superiores para protestar contra a administração do campo.

«Faz mais de um mês que dirigi uma carta aos escritores; à secretaria da Associação Soviética de Escritores: Fedin, Surcov, Tvardovski, Soboliv, Ciacovskij, Leonov, Ticonov. Naquela carta descrevia, particularmente, as condições do campo onde se encontra Daniel e as injustiças que ali se cometem. Se esses escritores se tivessem alarmado com os informes que então lhes dava, provavelmente o castigo determinado no começo de junho contra Daniel, teria sido evitado. Pelo contrário, eu suponho e tenho boas razões para isso, o castigo contra meu marido deve ser a consequência da carta aos escritores. Carta que não provocou reação nenhuma, nem obteve resposta. É a passividade da opinião pública que permite que indivíduos irresponsáveis mas investidos de autoridade, possam introduzir na vida e em nossa consciência, atropelos e violências».

# MORREU TOMAZ DA FONSECA

O escritor português, Tomaz da Fonseca, uma das figuras de maior relevo na campanha que antecedeu e preparou a proclamação da República em Portugal, fale-

ceu no dia 15 de fevereiro, em Lisboa, aos 90 anos de idade.

Nascido em Lacerias, Mortágua, em 10 de março de 1877, Tomaz da Fonseca seguiu ainda jovem para Coimbra para frequentar o Seminário que depois abandonou para iniciar uma campanha político-religiosa de vasto alcance. Até 1917 teve assento no Parlamento, foi Senador da República, colaborando ativamente na reforma do ensino primário e normal. Foi vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, Diretor das Escolas Normais de Lisboa e da Universidade Livre de Coimbra, além de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da mesma cidade. Em 1955 o Centro Transmontano de São Paulo convidou-o a visitar o Brasil, onde presidiu as comemorações do 5 de Outubro, realizando uma série de conferências em São Paulo e no Rio de Janeiro para provar a falsidade da pretensa conversão de Guerra Junqueiro, de quem foi contemporâneo e amigo-irmão.

Português de velha estirpe, homem de espírito e ação, não foi só o renomado autor do primeiro compêndio de História da Civilização em língua portuguesa, mas o principal animador da cultura cerealífera em seu querido Conselho de Mortágua, por ele tornado conhecido do mundo inteiro. Lá se reco-

lheu para viver o retiro do poeta e do patriota, isolado, voluntariamente exilado em seu próprio país. É ámbuido desse sentimento poético superior de humanidade que vive e sofre o estreito mundo português da ditadura de Salazar, do fanatismo religioso explorado até as últimas consequências como arma política e escalpelado com sua crítica candente.

Entre suas principais obras, desde «Evangélio dum Seminarista», 1903; «Deserdados» (Poemas, com prefácio de Guerra Junqueiro), 1909; «Sermões da Montanha» — 1ª edição portuguesa, 1909; última edição, brasileira, com prefácio e notas biográficas do autor, por Reberto das Neves, (Editora Germinial, Rio de Janeiro, 1947); «Origem da Vida», 1912; «Memórias do Carcere», 1919; «Musa Pagã», 1921; «Cartas Espirituais — A Mulher e a Igreja —», 1922; «A Questão Romana», 1930; «A Igreja e o Condestável», 1933; «O Púlpito e a Lavoura», 1947; «Aguas Novas» (Peça Teatral), 1955 até «Fátima» (Cartas ao Cardeal Cerejeira) — Edição no Brasil também pela Editora Germinial, 1955 e em muitas outras obras de fecunda atividade literária, mais do que crítico severo, com seu vigoroso anti-clericalismo, mas acima de tudo um poeta profundamente humanista.



Ano 2 - Número 13 - MARÇO DE 1968 - Preço NCr\$ 0,20

# ESPERANTO

Lingua internacional, elo de união dos homens de boa vontade

## «DEUS LHE PAGUE», EM ESPERANTO, TAMBÉM É SUCESSO MUNDIAL

«Deus lhe Pague», do «imortal» Joracy Camargo, também é sucesso mundial em Esperanto. A versão é do jornalista Sylvio Roberto dos Reis Peixoto, redator da «Gazeta de Macaé», e, diretamente do Esperanto, já foi traduzida para o tcheco e indonésio. Por sua vez, um dos próximos cartazes teatrais do Rio, «O Inspetor Geral», de Gogol, foi traduzido pelo próprio criador do idioma internacional, Lázaro Luiz Zamenhof, que, inclusive, deixou versões magistrais das obras de Shakespeare, Molière, Goethe e outros.

## ESPERANTO NAS ESCOLAS

Conforme dados do Centro de Estudos e Documentação, de Londres, o Esperanto vem sendo ministrado em mais de 500 escolas de muitos países, destacando-se a Bulgária (85 escolas), Hungria (80), Inglaterra (32), Nova Zelândia (25), Brasil (20), Estados Unidos (19) e outros.

## «APRENDA SÓZINHO ESPERANTO» NAS LIVRARIAS

A Editora Pioneira, de São Paulo, acaba de lançar «Aprenda Sôzinho Esperanto», em seqüência a publicações para o estudo do alemão, japonês e outras línguas. É uma tradução da edição londrina «Step by Step in Esperanto», já adaptada a dezenas de idiomas nacionais.

## ESPERANTO VENCE FESTIVAL

A cantora Ramona Von Dalsem conquistou o primeiro lugar do Festival Holandês Amador de Canto, interpretando canções em Esperanto.

## CASO INÉDITO: INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS PROMOVE ESPERANTO

Na cidade de Lins, São Paulo, o Instituto Brasil-Estados Unidos inaugurou um curso de Esperanto, sob a direção do Prof. Wilson Martins. É caso inédito e vem recebendo os maiores aplausos.

## COLÔNIA DE FÉRIAS É REALIDADE

Os esperantistas acabam de adquirir uma Colônia de Férias, que está localizada em aprazível região da Serra de Bangu, no sertão carioca. A colônia possibilitará, inclusive, realização de encontros de esperantistas do país e do estrangeiro.

Mahatma Gandhi

## AOS NOSSOS LEITORES

Nós precisamos de seu tempo :  
Queremos que V. leia dealbar inteirinho  
Nós precisamos do seu dinheiro :  
Queremos que V. dê uma contribuição  
para que dealbar continue saindo  
Dê quanto V. acha que éle vale  
O Dealbar não tem preço :  
Ou quanto V. possa dar.

## CARATER SOCIAL DO PROBLEMA DO MENOR ABANDONADO

(continuação da 1.ª página)

Tudo isso acontece numa humanidade jungida a princípios religiosos, escudada em rica jurisprudência, ilustrada com academias médicas, insensíveis, porém, a problemática.

Permitam que transcreva o testamento de Morgan, um dos homens mais endinheirados do mundo, segundo John dos Passos, em «1919 — USA».

«Entrego a minha alma ao seio do meu Salvador, plenamente confiante de que, redimida e purificada pelo sacrifício do seu preciosíssimo sangue, a apresentará imaculada perante o seup Pai celestial e emprazo meus filhos a manterem e defenderem a todo o preço e sem olhar a sacrifícios pessoais a bendita doutrina da redenção completa dos pecados pelo sangue outrora derramado por Jesus Cristo e somente essa». E quando morreu em Roma em 1913, entregou para a Casa Morgan, representada por seu filho, quatro bancos federais, três companhias monopolistas, três companhias de seguros, dez linhas de caminhos de ferro, três companhias de carros elétricos, uma de correios, a indústria de aço, a General Elétric, telégrafos e telefones americanos, 13% dos recursos bancários de todo o mundo.

Em favor da criança estadunidense nada entregou. Mas voltemos a nossa, quando começa a andar. Tinha-la deixado ao abandono dos germes, virus, protozoários, vermes, fungos (et caterva)...

Continua desntrida, macambuzia e prejudicada no seu desenvolvimento mental. Atingiu o pré-escolar em condições desfavoráveis, o que equivale a abandono e parte para o escolar onde é recebida numa escola individualista, artificial, fria e desencorajadora.

Neste Continente as escolas, como as igrejas, dizem amem a esse abandono. Que fazem as escolas por melhorar, denunciar e dar ao aluno uma significação social? A Igreja tenta concertar desercos seculares. Contudo não podemos contar com professoras e médicos, indiferentes à temática, apegados ao «Salve-se quem puder».

Mas estão se salvando para onde? Para um egoísmo conformista, deixando de ser aquilo que deveriam se converter, ardorosos defensores do espoliado menor.

O tão bem estigmatizado por Costa, que nos abrigos e educandários procura armar-se com um pedaço de arco de barrica, afiado na pedra e colocado num pedaço de madeira, a servir de arma. Ele aparelha-se agressivamente contra o mal que lhe fazem, numa desforra simbólica.

Também aquele que vai corromper-se na pederastia, instintiva fuga, da vigilância exercida por mentecaptos funcionários, broncos, provindos das mesmas raízes.

Ainda aquele que, tendo os pais ao seu lado, sofre uma série de privações, desabonadoras de uma Sociedade que se inspira em religiosos, juristas, sociólogos, filantropos e catédricos de Medicina. E o freqüentíssimo filho de mãe solteira, entregue a terceiros e, às vezes, negociado ou recolhido por gente conciente.

Observe-se que as mães esmoleres, trazendo filho ao colo, em geral tem-nos nutridos, pois é rendosa a arte de mendigar e o sustento plenamente garantido.

Tem sido cogitado, e parece ser verdade, que um melhor atendimento ao menor abandonado seria a criação de um Serviço de Colocação Domiciliar e a entrega à famílias capacitadas.

Mas quantas são as famílias que se inscreveriam e dispostos a esse atendimento? Leve-se em conta que haveria ajuda financeira.

Um reduzido número a dispensaria. Seriam aqueles de pais sem filhos.

Um maior número de famílias com filhos, aceita-

riam-na, entrando no rol das despesas comuns. Melhor que pagar per capita a educandários. Poderíamos confiar no Estado de que essa ajuda se manteria e se corrigiria com o escorchante custo de vida?

Admitamos que tenha sido posto em prática. E os resultados porque não se divulgam? Ajudas espontâneas, contínuas, irradiando-se de todos nós, nessa colocação familiar, seria de grande alcance e uma grande semente na confraternização social.

Em São Paulo temos uma Faculdade de Filosofia e eis um bom tema de pesquisa para seus alunos: o levantamento na capital na extensão do problema. Em vez de quixotescas greves e agitações voltarem-se para um fenômeno que atinge todos nós e entregue à sua argúcia de jovens estudiosos. Não confieemos em órgãos estatais burocratizados. Agite-se o problema com fecundidade. Quantidade. Custo per capita. Número de famílias interessadas em receber. Condições das mesmas. Planejamento. Direção sem ingerência política. Esses jovens descobrirão coisas notáveis. Aqui vai a nossa sugestão a essa Faculdade. Mãos à obra jovens, no levantamento do problema. Aliciar forças. A John, a Nestlé e outras organizações que ganham dinheiro no comércio das utilidades infantis não se recusariam. Vamos fazer um painel do menor abandonado no Salão da Criança. Pintores que viveis em abstrações subjetivas, vamos cooperar nessa estigmatização, retratando o pungente drama.

Poetas e artistas de mãos dadas em rimas e dolentes mensagens, num festival de grande porte. Confieemos em todos esses moços que hão de trazer à tona os náufragos e apliquemo-nos num esforço comum para a melhoria da situação. Não basta estigmatizar. Temos que curar, mesmo que com remédios caseiros. A terapêutica heróica e salvadora há de chegar um dia. Enquanto não chega, descrezemos os braços, fazendo alguma coisa. A difusão dos preparados anticoncepcionais? Está sendo desaconselhada em continentes de explosão demográfica como o nosso. O que é lícito esperar dessa pressão demográfica? Um bem, sem dúvida, mas não vemos o inconveniente dessa limitação, pois decrescendo o índice do menor abandonado, poderemos cuidar do restante com mais profundidade e não de valer por muitos na chamada agitação populacional.

A mesma traz em seu bojo o desassossego e revendações das massas campezinas e cidadinas e terá de provocar manifestações de conciente ativez contra os opressores, em manifestação de grande porte, genuína, sem política.

A gravidez casual deixou de existir, com o emprêgo de comprimidos hormonais, fabricados por laboratórios diversos e devem ser recomendados na luta contra a miséria, contra o abandono do menor, contra a degenerescência infantil.

A gravidez voluntária ressurgiu com a suspensão do uso oral hormonal e cujo custo equivale ao preço de duas latas de leite em pó, de meio kilo cada.

Pressão demográfica e limitação da natalidade poderão coexistir, posto que os altos índices de mortalidade infantil não tem detido a explosão populacional e a limitação hormonal tolheria vítimas da conjuntura existente e revoltante.

Já disse Sartre que numa revolução não importam os meios, mas a sua eficácia. O mesmo conceito para o menor abandonado, em sendo eficaz, nos descortinará a perspectiva de uma realização revolucionária.

A mensagem do colaborador Costa descortina o atroz em toda a sua extensão de cadafalso. Detenhamos os verdugos.

Jaime R. Rolland

# Autoritarismo

ERICH FROMM

(continuação do número anterior)

O caráter autoritário não tem falta de coragem, atividade ou crença. Estas qualidades, porém, para ele significam algo completamente diferente do que para uma pessoa que não sonhe com a submissão. Para ele, a atividade está enraizada em um sentimento básico de impotência que ela tende a superar; neste sentido, atividade quer dizer agir em nome de algo superior ao eu da própria pessoa. É possível que seja em nome de Deus, do passado, da Natureza ou do dever, mas nunca no do futuro, do não-nato, do que não tem poder, ou da vida em tese. O caráter autoritário obtém sua força para atuar pelo fato de apoiar-se em um poder superior. Este poder nunca pode ser atacado nem modificado. Para ele, a falta de poder é sempre um sinal infalível de culpa e inferioridade, e se a autoridade em que acredita der sinais de fraqueza seu amor e respeito transformar-se-ão em desprezo e ódio. Ele não possui uma «potência ofensiva» que possa atacar o poder estabelecido sem primeiro sentir-se subserviente ante outro poder mais forte.

A coragem do caráter autoritário é essencialmente uma coragem para sofrer o que a fatalidade ou seu representante pessoal ou «chefe» possa haver destinado para ele. Sofrer sem se queixar é a mais alta virtude dele — não a coragem de procurar acabar com o sofrimento ou pelo menos de minorá-lo. Não alterar o destino, mas submeter-se-lhe, é o heroísmo do caráter autoritário.

Ele acredita na autoridade enquanto esta for forte e dominadora. Sua crença está, em última análise, implantada em suas dúvidas, e constitui uma tentativa para compensá-las. Mas ele não tem fé, se por esta significarmos a confiança segura na realização do que agora existe como mera potencialidade. A filosofia autoritária é intrinsecamente relativista e nihilista, a despeito do fato de amiúde alegar tão veementemente haver vencido o relativismo e a despeito de sua exibição de atividade. Ela está arraigada no desespero extremo, na completa ausência de fé, e conduz ao nihilismo, à negação da vida.

Na filosofia autoritária não existe o conceito de igualdade. O caráter autoritário talvez empregue às vezes a palavra igualdade, convencionalmente ou porque atenda a seus fins. Mas ela não encerra significado ou peso real para ele, posto que diz respeito a algo que fica fora do alcance de sua experiência emocional. Para ele, o mundo compõe-se de pessoas com poder e de pessoas sem este, de superiores e inferiores. Baseado em seus anelos sadomasoquistas, ele só experimenta dominação ou submissão, nunca porém solidariedade. As diferenças, seja de sexo ou de raça, são para ele indícios necessariamente de superioridade ou inferioridade. Uma diferença que não tenha esta conotação é-lhe inimaginável.

Conquanto sejam comuns estes impulsos sadomasoquistas, só podemos considerar certos indivíduos e grupos sociais como tipicamente sadomasoquistas. Há, contudo, uma forma mais branda de dependência que é tão generalizada em nossa cultura a ponto de só não aparecer em casos excepcionais. Esta dependência não possui as qualidades perigosas e arrebatadoras do sadomasoquismo, mas é bastante apreciável para não a omitirmos em nosso estudo.

Refiro-me ao tipo de pessoas cuja vida inteira é relacionada de forma sutil com um poder a elas extrínseco. Não há nada que elas façam, sintam ou pensem que não seja de alguma forma relacionado com esse poder. Elas esperam proteção vinda «dele», querem ser cuidadas por «ele», torná-lo responsável por qualquer que seja o resultado das ações delas próprias. Muitas vezes, a pessoa não se dá conta alguma dessa dependência. Ainda que haja uma vaga noção de certa dependência, permanece obscura a pessoa ou poder de quem se depende. Não há uma imagem definida ligada a esse poder. Sua qualidade essencial é representar uma certa função, qual seja a de proteger, ajudar e desenvolver o indivíduo, de ficar com ele e nunca deixá-lo sózinho. O «X» que possua estas qualidades pode ser chamado de auxiliar mágico. Frequentemente, está claro, o «auxiliar mágico» é personificado: é ele concebido como sendo Deus, um princípio, ou pessoas reais, como um dos progenitores, o cônjuge ou um superior. É importante admitir que quando pessoas reais assumem o papel do auxiliar máximo são dotadas de qualidades mágicas, e o significado que elas possuem decorre de serem a personificação daquele auxiliar mágico. Este processo de personificação do auxiliar mágico pode ser muito observado naquilo a que se dá o nome de «apaixonar-se». Uma pessoa assim relacionada com o auxiliar mágico trata de encontrá-lo em carne e osso. Por uma razão qualquer — muitas vezes reforçada por desejos sexuais — uma certa pessoa assume para ela aquelas qualidades mágicas, e então faz dela o ser com quem e de quem toda sua vida se torna relacionada e dependente. O fato de outra pessoa muitas vezes fazer o mesmo com a primeira não altera o quadro; contribui apenas para intensificar a impressão de que este relacionamento é de «amor verdadeiro».

(continua no próximo número)

## LEIA E DIVULGUE «O PROTESTO»

Um jornal vibrante, de Ideias, Críticas e Combates

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul